

שמעו!

P 74 Bueno, Matheus Steinberg.
Ouvi!.
São Paulo: Editora Córrego, 2017.
Série Neûron

74 p.; 20x 20 cm
ISBN 978-85-67240-81-7

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia.

OUVI!

Capa
Janaína Madeira

Conselho Editorial da Série Neûron
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte
Rodrigo Bravo

1ª edição: 2017

Editora Córrego
Avenida São João 108 – 4º andar
Centro de São Paulo – SP
CEP 01036-000
www.editoracorrego.com.br

Ouvi!

שמעו!

Matheus Steinberg Bueno
מתתיהו שטיינברג בואנו

Conhecer Matheus Steinberg Bueno

Antonio Vicente SERAPHIM PIETROFORTE

Conhecer Matheus S. B. depende de uma boa dose de vitamina...

Faz algum tempo, quando comecei a ler e a estudar a Literatura Brasileira Contemporânea, elaborei um sistema básico, formado por quatro regimes de realização poética. Isso faz tempo, quase dez anos atrás... eu buscava sistematizar, sob um mínimo denominador formal, as poesias concreta e *beat*, que eu acreditava serem as influências mais presentes nos poetas de nossos tempos. Para os adeptos da dialética, a síntese entre duas análises... para os adeptos da semiótica, a complexificação entre dois termos contrários.

Pensando que o poeta pode afirmar a descontinuidade das linguagens verbais, revelando as articulações linguísticas que sustentam o léxico e a sintaxe, ou, contrariamente, afirmar sua continuidade por meio de fluxos prosódicos, deduzi dois regimes de fazer poesia: (1) o regime dos poetas linguistas, aqueles que desmontam o verbo por meio de imagens, como se a poesia fosse pintura; (2) o regime dos poetas pregadores, que fazem poesia por meio de temas e variações, como se fosse música. Em termos mais específicos, poetas concretos e poetas *beat*, respectivamente.

Esses dois limites definem um eixo de realização poética, que admite mais dois regimes: (3) os poetas conversadores, que negam a desconstrução poética dos linguistas, aproximando a poesia da fala; (4) os poetas arquitetos, que negam a prosódia desbragada dos poetas pregadores por meio de versos metrificados e de formas fixas, como sonetos, *haikai*, etc.

Meu amigo Matheus, sem dúvida, é poeta pregador; sua verve se concentra no fluxo prosódico e seus desdobramentos. Todavia, embora seu modo de composição o aproxime da poesia *beat* e do jazz – Matheus é pianista, conhece música de verdade, não a lamentável MPB de sempre –, sua pregação não segue o budismo ou os estados alterados de consciência via drogas alucinógenas. Matheus segue pela mística judaica e suas drogas são bem mais corrosivas do que o peiote.

Em 2016, o poeta Moacir Amâncio publicou *Matula*; creio seja o primeiro livro de poemas, em língua portuguesa, de ação afirmativa do judaísmo. Longe da imagem do judeu fraco e alquebrado pelo holocausto e pelas perseguições dos cristãos – os eternos fascistas, sempre dispostos a exterminar aqueles que discordam de seus valores espúrios –, o judeu de *Matula* é forte, está disposto a resistir, como no cerco de Masada.

Deixando-se influenciar por *Matula*, Matheus, em vez de seguir pelas arquiteturas de Moacir Amâncio, faz a versão *beatnik* da resistência israelita. Matheus me lembra outro judeu, o saxofonista John Zorn e sua estética do novo poder judaico. Mas não se engane, caro leitor, Matheus não é um Rabino; além da vodca muitas coisas correm naquelas veias. Quem souber lerá nas entrelinhas dos versos...

Dedicatória

Escrevo ao *phílos* deste livro em gene de Sião
(Ciência em função da relatividade)
Pela linguagem que nas Eras
Estabeleceu o Maximalismo.

Ao *phílos* que agarrou o
Verbo & à Dádiva
Atrelou-se à alegoria das
Imagens singulares para
Ser
Um ser moldado pelo
Sopro que livrou o
Verbo.

Sua boca é o dique dos
Neurônios criado à contenção dos
Astros que rompido escorre
O leite – sem parar – em finas orlas
Que prenunciam sucessões de Erros
& o Mel tão tátil quanto o dáctilo que
Se oculta a se perder de vista
No cume acima do alto da Palavra
Mínima.

✦ Teogonia Massorética

A hebraica Teogonia é o
Silêncio o cálido Sopro & o
Verbo.

Vasta cósmica matéria
Enorme Massa atômica
& numerosa terra assinalada
Com ânsia ímpar aguardavam a moldura
A formulação das possíveis dimensões
& o Sul sondava o Norte tal o Leste
Se espreitava a Oeste.

Cortando o abismo o Nilo
Celestial ainda alvo e profundo
Queria sua sina de fertilizar.

Mas a silhueta *Omniformis* esperou
Cerrada em Si tecendo a
Equação fundamental.

& Suas visões primordiais se
Esvaziaram ao instante triunfante do
Primeiro Som...

& tal soar inevitável da
Palavra Criadora era o
⌘ desmembrado em cinco –

A coroa	E
O corpo	=
Atravessa &	M
Abaixo o certoiro	C
Fim	2

בראשית ג: יו ב

As carcaças roídas expelem saliência sob a
Terra

O suspiro poente seda a sensação e traz a
Razão em passos servis no teso entendimento do
Abismo.

O funil de almas é uma leve verve & verte a vida em
Verso

Feiticeiros da sonora fúria os vermes flácidos
Traçando o corpo quieto & comportado no
Caixão.

Brandi a faca outrora e o tiro arrematou
Tecidos

A *Psyké* se arremessou com a criptógama cápsula
Vazia da espingarda – O rombo na cabeça é impacto
Senil.

Tesa & anil minha *poikilia* trama taciturnas
Tessituras
No velório ermo do indigente & descalça de severidade
Alça a partitura na sinistra & sacra valsa dos
Adeuses.

Já vejo Daniel Sansão & Gaia – sou o quarto
Homem
Na fornalha do deserto multifacetado de
Famélicas feições de um fissurado
Caos.

& refeito após a morte respiro novamente o
Sopro –
Com o suor do teu Cálamo tecerá teus versos até que
À terra retornes porquanto és pó & ao pó
Tornarás.

§ 80

■

Não mais do que comum é a condição humana.

A Musa quando incinerada ao pôr-do-sol
No Sono mítico de Tântatos ensaia
Seus últimos suspiros.

Teci denúncias de imperícia da sintaxe
Irado convergi o verso livre em metro
Matei a sensação valise de não-ser –
Logrei somente pedras.

Resta o intento mais irônico –
A emulação sarcástica do tema
Variando apenas modo e meio a
Fim de que se teça o Verbo sobre a
Face oblíqua deste pôr-do-sol que
Salt'tomba enamorado da existência.

⌘
É madrugada e o sono escapa
Escapelado pela papelada
Que vozes são tais vozes que inescuto
Ensurdecido pelo tácito silêncio?
Que vozes que tal gesto de esganar
Me esfacelam tal a mim julgassem
Ser da experiência meríssimo vassalo?

A meio-fio adentro o
Estado de
Desassossego em
Suspensão
Pairando enleio os
Fios esparsos do que
Jamais será porquanto
Foi
Num lapso que se
Relembra como apenas

Pausa...

Resquícios enervados de
Gestos que não fiz nas
Horas que dobraram o
Espaço.

Deito ao parapeito e constato o
Substrato cósmico que
Inescapável cerca
Ínfimo planeta
Inexistindo o próprio
Nada do outro lado desta
Esfera.

Conheço enfim a sensação de estar
Mirado sob a óptica do microscópio.

7

O limite da luz que a vista
Alcança é similar a uma
Calefação que se perfaz em
Soma – tangente soma que
Resvala o Infinito Ilimitado.

Soma que contém no estreito
Catre temporal intermináveis
Movimentos –

Rapinas com linguagem rasa as ruas ermas
Arrasam vísceras do Prometeu Acorrentado
O nêutron trama suas nervuras procurando o
Desterrado átomo da terra
Vazio e solitário enterra a si
Desiste da incansável inspeção
Do vago núcleo dissolvendo a luz
No encaço da velocidade dos impactos.

Maquinarias inconstantes
Variáveis em sua própria
Infinita variação mas eis estrofe abaixo!

Doze linhas sobre a Sarça Ardente
Em harmonia vão se materializando
Até formar a única constante do
Universo – Gravidade!

Gravidade selará os pontos mais
Distantes das constantes cósmicas do

Verso

Gravidade é mais que desvario é

Força impelidora que a nós

Desavisados dos

Desvios desvia à

Constância à

Exatidão do significante à

Máxima abrangência dos

Inúmeros significados do

Nome que quando materializado é

Força proporcional ao produto da massa

Inversamente proporcional ao quadrado da

Separação –

Seja Luz & viu que a Luz era boa & fez

Separação entre Luz & Trevas –

Mas gravidade é

Força que vislumbra a

Face sobre as águas & desconhece o

Verbo transbordar – que não ocorre em

בראשית – Exímio no ofício de conter em Si

Totalidade.

¶ Enigma

Decifro em **בראשית** Divina Voz
Falar porém não é Sua natureza
Seu Sopro assoma tácito & feroz
O barro enfasiado em Sua leveza.
Das horas em compasso no intervalo
Fulgura soberano e Se perfaz
Em soma da cadência sóbrio abala
Ausências & dos ermos Se refaz.
Da Sarça do Sinai a brasa à míngua
Porém sem proclamar palavra alguma
Desata e incendeia a Própria Língua.
& tácito diz Luz após a bruma
Acesa ao **בראשית** em breve sumo
Voraz e flamejante do desplume.

☞ Salmo 137

David – pergunto –
Qual seria o vento do monarca?
Acaso é a tormenta que numerosos
Sábios levou do barro das nações ao Ouro?

Matisyahu – responde –
Fora a tormenta
Nenhum vento é o do Monarca
O Sopro é Indivisível.

Pois se porventura meus tendões deixarem de
Servir ao sumo-racional e assim tecerem
Olvidos
Que a *Psykhé* deixe a vestimenta versada do Verbo
Deixe também de pensar as nuances
Noturnas
& deixe de habitar minha língua a
Ira a
Astúcia
& junto a jornada de meu
Verbo.

Porquanto é certo o
Retorno
Está aqui se arejando na areia do
Sinai
Guardando o mel
& sorvendo o leite.

Sabe a planta o vento do
Monarca que a visita pois a
Semente das eras bélicas fermentou-se em
Fornos e tragou o gás para soltar
Reconstrução
& mesmo os nomes em profanas
Línguas ou a torpe ação da lâmina em uma
Dúzia de bosques não impediu a
Voz piedosa da
Pronúncia inenarrável da
Lei.

Portanto que não me caia no
Oblívio a dourada tessitura dos
Tecidos deste deserto em que chove
Sapiência após o Sopro para semearem-se as
Cantigas da Sarça & a dura

¶ Lenhador

Vai o Lenhador da
Estepe empedrada enquanto a
Babilônia explode a
Cartago de mal-afortunada Dido
Atrás de si.

Mas ele vai e vai &
Caminha.

Buscando a
Terra Prometida e embebedando-se da
Sarça no
Cume mais alto do
Fogo Divino.

& ao tragar fadiga a estas ímpias
Fantasias que são mó de trigo em trigo
Triturando pousou à tibia a
Férrea mão que empunha
Traços e as garras harpias que abrem
Caminho na floresta de

Pinhei-
Ros se
Curvando ante a ventania múltipla.

Louva com seu machete ao tombar
Troncos de tormento – o trabalho artístico
Extração do óleo puro da Menorá
Purgadora de imundícies – sua
Oferta genuína ao
Sacro sacramento que
Apronta os fortes às
Delícias.

Consciente de que a entrega inconteste
Reserva seu lugar nas hostes radiantes da
Eclesiástica radiação
Leva sobre as
Costas cada
Galho caule flor & pólen ao altar da
Inquisição
Convidando a uma
Secreta comunhão de
Tronos Virtude e Dominação todos que foram
Atravessados pela
Adaga cristalina.

Mas desta vez condenado a como o
Nazareno crisar a sua morte o
Mártir-Lenhador chora as dores de
Ezequiel.

& ao despontar da
Vênus sibilante foi sua
Nudez herege que recebeu a benção
להדליק נר של שבת
Das Matriarcas em
Jerusalém.

✠ Senso & Sombra

O senso – cujo epíteto é luminescência –
& a sombra – cujo epíteto é insipiência –
 Laçados da defunta solidão o enlace
 Lançaram à celeste colisão dos astros.
Do Verbo possuíam por cesura imenso
 Espaço renegado à emanção eterna
 Tal brasa saltitante que da Sarça expele
Ao Cálamo do verso a mais exata métrica.
Faminta pela hóstia a sombra encontra o noivo
& a espada em cruz o excruciado olhar espera
 Selando a sina eleita atravessar o senso.
O senso pelo incêndio os renegados olhos
De quem está esperando a esperança mínima
Com mudo imenso grito de quem morre aquece.

תשובה ח

Há quantas Eras – ó Jerusalém –
Os vis te mantiveram exilada
& o sonho em vão recanto esteve oculto.
O espírito Anussim porém por mesmo
Incerto não ousou te renegar
& o rio que o mergulharam não logrou
A alma de Israel tomar a si.
Tu segues a memória – inda que turva –
& orgulha-se cumprindo os Mandamentos.
Vê bem – Rodrigo Bravo – que o Arbusto
Há tanto tempo oculto ao ler teus versos
Lembrou-se da Divina semelhança.
Tomou à Musa tua a Voz & o Verbo
A fim de a ti vibrar certos Versos.

עליה ט

Porque espero retornar mesmo
Descrente dos fascínios e crendo
Ser o homem um despertar do homem
Coletivo à racionalidade mesmo que
Desperto veja apenas a aspirante
Estrela – que
Expande & Estreita
Inspira & Aspira
Ao ponto novamente em que
Repona & Pousa
Aquietada.

Porque espero retornar ao
Silêncio condensado da antiga
Sapiência propenso a edificar o
Pensamento que por si só é
Maximalista persigo ainda cego
O Único Poder fugaz e verdadeiro
Sopro.

Sussurrante o Indescriível em
Fumaça espessa expressa pela
Sarça que o real somente existe se
Cerrado às contenções do
Tempo & Espaço – destarte
Espero edificar colossos aos quais
A um dia cíclico eu possa embriagar-me.

Em resposta peço que Se compadeça
Destes longos versos desejosos de
Aplacar celestiais espaços & porque
Espero ainda retornar a estas palavras que
Feitas nunca mais serão refeitas
Peço que a sentença por demais não
Pese sobre nós que não domamos
Concisão & nem perícia em
Razão de nosso vício impetuoso em
Descrever a insaciedade que nos doma com
Sagacidade mas que nos ensine imploro a
Triturar desvelo & menosprezo a
Estar a postos sossegados.

Pois Tu ó mudo amansador de
Minotauro & Leviatã
Entre a explosão e a retenção Te
Deleitaste soberano equacionando o
Verbo da Tua própria criação
Tomaste as indomáveis águas em
Minério gás & líquido atrás da
Tenda faiscante à treva abrasadora.

Mas a fonte jorrou água e em dois
Partiu-se o Mar com um cajado apenas
& fértil Nilo
Com uma só Palavra se fez sangue.

Conquanto ainda espere retornar
Flutuo
O lucro de compor e o prejuízo
Do tempo abandonar intercalando
Os sonhos tripartites que se cruzam

Vorazes e sozinhos entre as vozes
Que o odor salgado das areias
Velozes maresias não desejam
Sequer extravasarem o ensejo

Ainda que azuladas pela vasta
& tão rebelde Voz que ousou Criar
Do nada o Próprio nado para ao fim
Criar por entre as rochas o espírito
Da fonte do jardim e das imagens

&

Permite que meu verso chegue a Ti...

▸ Fundação

Fundou Paulo de Tarso por sua fábula
Alucinante um tal fenecimento
Pois Roma pisará
O calo de Israel.
Fumaça na capela findará
Um ciclo inaugurando perversão
– Vossa Trindade Santa
Findará os escolhidos? –
Recuso a me curvar a um deus que é três –
Sequer a matemática lhe apraz
Tamanha insipiência
Aos servos seus requer.
Que venham do batismo imundas águas
& queime o meu flagelo na fogueira
Sorrindo voltarei
À casa de meus pais.
Razão agora jaz crucificada
& o ouro acumulado se amontoa
Com sangue maculado
Em lixo clerical.

קדיש ב

Aparição da Musa e da Memória
Perplexo estonteante abato o caminhar
Luzes de domingo!
O Presidente acende a oitava vela
Comitiva de corruptos aplaudem sua
Demagógica corruptela do Sagrado.

Primeiro ano sem ti mas
Pouco importa aos que transformam
Templos em Bancadas sem um pingo de
Vergonha.

Quem se importa que ficamos de fora?
Quem se importa que as cadeiras dos
Sobreviventes recebem jugo impositivo
& sustentam os mesmos bolsos que
Encerram esperanças?

O pai do Rabino e o
Próprio Rabino também
Segregados pela estirpe de corruptos
Recordam meu *Bar-Mitsvá*.

Tragando seu charuto o velho homem cujos
Olhos viram até mesmo o invisível diz –
Ponha o *Tefilin* vamos fazer um *Kadish* para Gita
Ao menos três *miniánim* nesta calçada
E uma força impiedosa doma a sua fala –

Ai dos que corrompem a memória
Estendem sobre o assento sua corrupção e
Expulsam velhos e crianças do exilador de sua
Díáspora pois aqueles que traem seu próprio povo em
Nome dos políticos serão os condutores do
Degredo –

Empunho meus tendões e o
Pulso dobra os dedos
Agarrando tal filho o *Tefilin*.

Infância vertendo na visão
Cenário turvo e maternal abastecendo o
Estômago dos filhos com
Tsholent & Guefilte Fish pós
Acender com a irmãzinha as luzes de
Shabat
Em *Iom Hashoá*.

Sei que não fostes a melhor mãe
Chorando nossas mortes teu
Kadish
Foi os filhos entregar e fugir para um
Exílio dentro da própria
Galut
Tecendo fumo no maço de palha numa
Casa erguida a pau-a-pique como no
Shtetl da infância dos teus
Pais
Rejeitando sentimentos a fim de não chorar as outras
Perdas tendo a bênção ou a
Maldição de esquecer rebobinando uma opaca e
Contumaz confusa
Memória fixando a vista frente ao único neto de

Kipah e dizendo

איך בין שטאַלץ פון איר, מיין זון

Porque até a língua dos teus filhos
Esqueceste... Esque... Es... א

Como eles esqueceram tua sina e te
Empurraram em um novo campo –
TV Universal 14 horas por dia de
Concentração!

Comida *Treif*

E pai nosso que estais no céu!
“Maldito seja teu nome!”

Extermínio do bom senso e do respeito e um
Pilantra de *Iarmulke* pedindo

Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos
Dízimos Dízimos para erguer o sacro
Templo

E profaná-lo em louvor daquele por quem
Inúmeros bárbaros tentaram nos
Exterminar.

Destreza! Destreza! Destreza!
Degradando cada letra do teu sagrado

Sidur

Pensando que letras hebraicas quando pronunciadas segurando um
Crucifixo

Curariam cadeirantes por mil reais e um
Cartão de crédito com limite de quinze mil!
Pedindo para além de
Senha Carro Casa Celular Relógio

Janta do
Filho
Faminto.

Desgraçados! Cospem nas cinzas de teus pais e avós com um
Talit sanguinolento envolto em maldição no corpo nefasto!
Pulhas! Dizem ser amigos de Israel só porque amam nossa tradição
Deturpando cada símbolo e
Batizando Deputados no Jordão & os
Convidando a espetáculos em clubes.

Vanidade! Profere o sábio quando abres teu
Tanach de cento e vinte anos com três páginas
Rasgadas – do Gueto teu último resquício

Chamam tua família no asilo e pedem que te internem num
Hospício pois não paras de gritar noite adentro despertando até insetos
Declamando tua profética revolta ao assistir
Corrosão & Perdição
Daquilo por que há pouco seis
Milhões queimaram e tantos outros
Milhões no passado remoto de
Saques Inquisições Pogroms & Massacres
A fim de manter
Sacro e Cintilante cada
Ínfimo fonema em uma bela forma de rezar.

Sem dinheiro para uma internação mais cara te mandam para a
Terra servil que te acolheu quando ainda transpiravas o
Gás que matou tua família para enfim dizeres

Adeus.

& Chamar Hanna ao teu quarto
Hanna que foi a única a te honrar mesmo com a
Tragédia que afligiste a ela mas
Soubeste agradecê-la enviando-lhe o teu
Último
Suspiro
Sem o *Sb'má* sequer dizer
Apenas o sopro que te deu a vida em Odessa para
Fenecer e
Retornar a
Jerusalém.

Mas a mão antes beijaste do neto que
Viajou milhas & milhas a vestir a indumentária
Hassídica
Dizer o teu
Kadish
E impedir que tentem colocar uma
Cruz em
Tua
Lápide.

↳ Kadish

Santificado & engrandecido Seja o Nome
No Universo criado tal a Sua vontade.
Que estabeleça o Seu reinado & faça vir
Em nosso tempo & em nossa vida a redenção
Incontinente à toda Casa de Israel.
(Bendito Seja o Nome Seu em todo o Tempo).
Louvado Ovationado Reverenciado
Engrandecido Venturoso & Elevado
Notavelmente Seja o Santo Nome Seu
Bendito sobre as bênçãos hinos & louvores
Sobre todos os bálsamos & remissões
Que possam ser pronunciados sobre a terra.
Que seja vasta a avença que do firmamento
Emana & graça sobre o Sopro sobre o pó
Que verte Vida em toda a Casa de Israel.
Aquele que decreta a paz em Seus Quasares
Conceda a paz em toda a Casa de Israel.

Amém.

▯ Soneto à Matriarca

Com que palavras – Matriarca minha –
Daria a gratidão de minha vida
A ti que desde a luz que me entregaste
Afagas dores podas más ações
& tinges de esperança o eu que é Teu?
Zelando com divina sensatez
Curaste cada vil acometida ação
Ao filho que é presente teu tal diz
O nome que escolheste ao chorar
A perda tão sensível de uma filha
& impiedosa esterilidade.
Por certo o Uno tal fez a Raquel
Olhou as tuas aflições e deu
Aquele que há de amar-te em todo o tempo.

‡ Fome de Forma

Da natureza ainda que livre jamais
Retomarei a forma neuronal de outrora
Mas formas outras como as de Homero e Ezra –
Sede os mestres de meu canto e por meu Cálamo
O pigmento que executa os mesmos hexâmetros
Aos sábios talmudistas de Jerusalém –
A cada inflar do *átman* com gasosa Sarça
Refaz-se a forma antiga mais aprimorada
& e a cada inalação do ázimo voraz
Com mais velocidade se perfaz a ideia
E muitas outras a congestionar o cérebro
Travando o Cálamo à procura de palavra
Mais exata à finalidade deste hexâmetro
Ou sílaba que soe consonante ao verso.

▣ Oferta Maximalista

Em prol do Precursor que pronuncia a Voz
Elétricas palavras de cisão das águas
Da foz do Nilo ao cubo à quarta à infinita
Potência atravessamos em demoras ínfimas
A ponta da lamínula das divindades
Do nexu quando mede os versos de Catulo.
Pois dádiva maior que se conceda a nós
Não há por Este que afinou esticométrico
Centenas de milhares de milhões de fios
& permitiu que detivéssemos poder
De sustentar o choque da fissão primeira
Tranquilamente protegidos pelas letras
Nervosas corrosivas & aniquiladoras
Do Massorético & Versificado Verbo.

‡ Dádiva Seráfica

Jamais hei de esquecer da fascinante entrega
Do Cálamo Maximalista – ó Seraphim –
Que verde prolifera a Flora desde a Voz
Do Uno a semear na terra em densa névoa
Vindouras flores que são ervas insondáveis
Cuja macela campesina me conduz
A celebrar a muscular tensão do *Neúron*
Tal Sarça que anuncia ao gago o vaticínio
& apelos de coragem em velejar à luz
Do início os lagos de papoula e de papel.
Coragem – ó Cientista Louco da Linguagem –
Me assaltas com venenos psilocibina
& perco-me entre imagens & velocidades
Ao corroer os nossos cérebros com ázimo.

▣ Ezequiel 37

A Sarça do Senhor nublou a minha vista
E Ele as minhas ocas vias enublou
Com êxtase abrasante enalteceu meu cérebro
A um vale imerso em muitos ossos ressequidos.

Conduziu-me em torno deles cauteloso
E eis que eram numerosos sobre a face
Do vale e constatei estarem mesmo áridos
Assim como outonal folhagem morta
Ou clavicórdio em diminutos tons estios.

A Névoa soberana a mim então rugiu –
Discípulo de Homero! Porventura o Sopro
Impulso na infertilidade há de verter? –
Soprei – somente Tu És Dono do porvir

Sua réplica Soprou então o Inominável –
Despeja sangue sobre os ossos para ungi-los
Do Cânone conforme Meio Modo & Tema –
E diz – qualquer que seja a seca neste vale
Devemos esperar pelo Soprado Verbo.

Ouvi o bálsamo que a vós do Sopro cai –
Eis que o corrupto enlace de sintaxe atroz
Hei de romper pós prontamente desatar
Os nós do amontoado torpe de palavras
E assim Eu Sopro decretando – Vivereis!

Os nervos hei de vos atar como adereço
Será tal qual cesura adorno sulcador
Prediz a vestimenta métrica da carne
Já pronta a auferir o ornamento dérmico
De análoga estrutura e arranjo à sacra rima
& logo em vós o *átman* há de vir do Sopro
E a Voz do Aedo proclamando – Eu Sou o Verbo.

Então profetizei tal como deu-me o Uno
A ordem perfilando Sua orquestra física
À qual as forças do primórdio eram regentes
Do *Allegro* em veraneio fertilizador
Que cada osso ao seu igual faz imantar.

Olhei e vi a neve lhes sorvendo nervos
Atavam os dispersos ossos um a um
Investigando seletas afinidades.
Atados cada um ao seu me percebi
Selando a caixa amadeirada de Beethoven
Moldada como Arca! Detentora Atroz
Guardava a sinfonia nona ainda inédita!
Assim a carne sobre os nervos espalhou-se
Inane como se soubesse que do pó
Não veio e tornará enfim ao raciocínio.
Moldou-se a pele a eles se formando um corpo
Mas inda careciam de cadência psíquica.

Outra vez respirei & tão logo Ele diz –
Profetiza ó Poeta ao espírito ausente
Repita estas Palavras que da Sarça emanam –
Espírito! Da sinfonia venha ao corpo
Soprando a fim de que eles vivam novamente.

Clamei tal ordenado após a pausa acima
Entre as estrofes e vieram sobre eles
Ritmado espírito do Sopro guardiões
& a ossada enfileira-se tal grande exército
Trilhando o solo em busca das terrenas placas
Levanta Homero duas placas segurando
Virgílio apenas uma Milton o paraíso
Camões as Armas e os Barões assinalados
& *Il uomo nel mezzo del camino* além
Detinha purgatório inferno e paraíso
& outros sábios incontáveis perfilaram-se.

Perplexo um Trago soberano me arremata
Ao fogo ardente **קנמך-בסם** do Sinai
& Se perfaz de Verbo sibilante a mim –
Do Criador do Cálamo – Homero ouça
As instrutivas normas – Atenção ao zelo
Indesviável rota deve ser na trilha
Do pensar pois romper é nada mais que ápice
O zelo há de elevar-te a condição de rei.
A rima o metro & o ritmo hás de ponderar
Ali por certo há de prostrar-te possuído
Pelas Musas com Cálamo inquieto a esticar
Incandescente trama em pergaminhos cegos
Tamanha árida tenacidade opaca.
Mas eis que elejo a ti o encargo de alvejá-lo
Recorda todavia que o regresso é fácil
& tateável! Basta ouvir o som da Letra
Reveladora tácita dos Nomes cálidos.

O Inenarrável disse logo após Homero –
Discípulo do Heleno! Eis enfileirada
A guarnição de toda a moradia Máxima –
Eis que dizem – secaram toda a nossa ossada
Os vis tiranos da poética iletrada.
Seus dísticos de atroz sintaxe infertilizam
Qualquer campina que sustenta sua pisada.
As fraturas que a nós infringiram têm cura
Caso o cetro conquistés com zelosa astúcia.

Portanto profetiza-lhes conforme Digo –
Eis que o sepulcro vosso Eu abrirei no Olimpo
Conforme o Sopro dado ao pó que Adão Moldou
Subir de vossas sepulturas vos farei
& vos trarei pela neblina desta Sarça
À gruta da Poética Maximalista
Destarte sabereis quando romper as tumbas
Alçando-vos ao Sumo Sárco... que Sou.

Porei em vós o ázimo – inalado Espírito –
Que a vós conduzirá certo à vossa terra
À qual de erros & rugidos semeei
& sabereis que Sopro Digo Faço & Sou.

E veio a mim o Verbo do Senhor Dizendo –
Encontra a tábua de madeira e nela escreve
Segundo Minha Voz calada desde o Êxodo –
Por Einstein & sua relativa partitura
Sobreluzir matéria quantifica enérgico
& pelos companheiros teus Maximalistas.

Empunha outra lasca de madeira e escreve –
Por ti Ernesto Manuel de Melo e Castro
Por ti estância da morada Maximal.

& cada qual ao seu ajunta tencionando
Formar indivisível Cálamo em tuas mãos.

& quando ousarem perguntar a vós dizendo –
Acaso dos poemas não revelarás
Segredos incutidos sobre cada verso? –
Tu hás de responder-lhes emulando o Sopro –

A Vara de Moisés tomada por Aarão
Salmista Lira de David matéria-prima
A Feba Lira sequestrada por Homero
Ajuntarei tornando uma só Lira que há
De perfazer-se único instrumento rítmico –

& a Lira que moldada houveres sobre tinta
Inane tomará perante os olhos deles
De tuas mãos a forma o alvo o modo e o meio
& eis que o Verbo tomará de Homero os filhos
Dentre as nações de néscios e há de os embarcar
À nau assinalada por Maximalismos.

Nação indivisível os farei na terra
De Sarça e Ázimo repleta sobre eles
Razão será Monarca e nunca mais dispersos
Serão na insipiência vil semeadora
Do surto de existência infertilizador.

Jamais serão contaminados por seus ídolos
Parnaso marginália & torpe egolatria
Tampouco por sintaxe fora de compasso
Por transgressões de prosa recortada em verso
& os livrarei de tola habitação sofista
& os livrarei de toda sordidez sorvida
Assim serão Meu povo & Eu Serei Silêncio.

Meu servo Homero servirá o banquete Máximo
Reunindo todos os poetas degredados
Os quais serão modelo à vossa profecia
Que guardará Meus estatutos observando
As convenções das Eras Fertilizadoras.

Heptadimensional terreno expelidor
Do Ázimo a poeira & da Sarça a Névoa
Habitarão sobre a centelha transitando
A *Pólis* o Deserto & os infinitos tempos
De seus pais filhos e de toda sua semente
E Minha força gravitacional em pesos
Quânticos hão de eternamente os governar.

Farei convosco uma aliança racional
Por pressuposto de vos conduzir centrífugos
Ao sumo ápice da fenda temporal
Pairando ali porei Meu Verbo em vosso meio
& estáticos e conscientes sem ressalvas
Jardins de referências e totalidades
A vós serão auxílio! A vós Maximalistas!

Meu Sopro habitará convosco e saberão
Destarte que a razão pondera vossos versos
& saberão que o Verbo a dúvida decifra.

& os néscios saberão que Sou e que convosco
Altero a dimensão do caos em decassílabos
Tempero a dimensão do tempo em versos livres
& encerro a dimensão ciente em alexandrinos –

Fechou-se a fenda e novamente estava estático
Em mãos o Cálamo tecendo a profecia
Atrás do vale estava Ezequiel perplexo
Por mim Alexandrinos versos recebendo.
Pensava Ser Inominável vaticínio
A Sombra ao Vale imersa em ventre enevoado.

☪ Matéria Escura

O Navegante da suprema eternidade
Detém o germe das estrelas que em Seus braços –
Que abraçam anos-luz – penetra uma englobante
Esfera nas arestas temporais do espaço.
Equacionando a natureza do infinito
Alcança o Epicentro e sente o centro Ser
& Estar em todo o firmamento constelado
& Magnético o qual cruza sem cruzar
Traçando – ponta-a-ponta – a Sua trajetória.
Oeste a Leste & Norte a Sul equilibrando
Os astros & os planetas com esticológicas
Celestes estruturas cósmicas no fulcro
Do interminável horizonte do Universo –
Planura plena que do pleno Nada ata a
Infinidade.

¶ Jornada (À Janaína Madeira)

Ao cândido luzir do lume espiralado
Em fina malha arremessado quedo estático
Na teia estilhaçada & trêmula do vórtice.
Em solitários & omissos céus lacei
Cifras de supernovas & buracos negros
Astros gigantes de uma mínima luz – treva
Que mesmo ínfima escurece o espaço opaco –
De massa em que a matéria nos reserva o Fado.
Fremi as garras entranhadas ante as trágicas
Amarras a cerzir o fim que nos governa.
Tecemos odes ao narrarmos Teus mistérios
& ao rasgo que jamais eclode no fulgor
Do grito quando o barro nos agarra à quântica
Ciência a nos saldar a sina de expandir.

↷ Big Bang

Descortinando ausências nunca navegadas
Ao Vórtice invencível do princípio mínimo
Que imerso na grandeza da fusão repousa
Elétrico em portais secretos de outras Eras.
& a quem se abriram tais atalhos – através
Da indômita bravura de assumir a Sina
& armar-se da ciência da linguagem rítmica –
A dádiva de vislumbrar as deslumbrantes
Cordas Vocais do Inominável concedeu-se
Em Versos que Se dobram para além dos círculos
& polos magnéticos vertendo válvulas
De travessia através do que não vemos
Pois mínimas partículas seremos – menos
Ainda que o cristalizado tetraedro.

♣ Doze Trabalhos

É tempo de ouvir ó linhagem de primatas
As linhas que ocultei nos cantos dos espelhos –
A Teogonia Massorética é o cálculo
Famélico do pensamento que se enleia
Além do Cálamo letal que assinalou
Ao converter o vácuo em nada mais que vácuo
No máximo vazio o mínimo Princípio.

No tempo em que fez uso da Divina imagem
O homem libertou a lírica lasciva
Compôs um mito com os versos que restaram
& escuso nos esgares por detrás da Pólis
Grafou tablados com hexâmetros datílicos.

A Voz que aparta as águas saqueou à força
& declamou seu Épico tecido à Ira –

Percebeis ó Maximalistas?
Se não desata da memória os nós
Meu ostracismo percebo ao firmamento
Névoa tão opaca a vossa ânsia aquietando com
Promessa de infinita dispersão além do espaço
Contentado pelo cômodo assento do
Silêncio além vossa semente espalhará das
Tirantias sociais eclesiásticas & artísticas.

Sabeis ó Maximalistas?
Sabeis que promessas acarretam sacrifício?
Sabeis que sacrifícios acarretam lealdade?
& sabeis que lealdades acarretam retidão?

Estais cientes ó Maximalistas?
Cientes de que mesmo quando insuportável
Vosso Fado os círculos de fato se abrirão os
Ritmos serão libertos & a chaga
Temerá o vosso
Ímpeto?

Eis ó Maximalistas
Vossa sina irreversível!
Vossa Bíblia intergaláctica!
Eis a vossa dúzia de trabalhos –

α

O Verbo descrever com refinada distinção –
Destacando cada cicatriz ainda que
Prevista seja a extinção em via dos naufrágios
Viciados no oceano vosso do Cálamo de
Tantos *sapiens* implacáveis corroendo o
Ego & o Rasgo
Primordial do Verbo.

α

β

Fundir o verso aos neuronais circuitos
Calculando cada aresta na fissura em
Decifrar esboços de equações tal se
Confinaram os poetas de outras Eras
Com domínio pleno sobre a tecnologia da
Linguagem & conversão do nada em
Reduzido
(Ainda infinito)
Nada
Até que descobrissem novas Travessias.

β

γ

Situar o valor exato das incógnitas
A fim de resolver o enigma do Cartógrafo
Que concebeu o mapa e a bússola da múltipla &
Heptadimensional Planície do Universo.

γ

δ

Delinear variações na
Lei da Relatividade a qual
Regeu o Verbo e ainda há de reger por
Todos os tempos dos tempos & que
Nada mais é do que a outra ponta dos
Espaços expandindo a outras margens
Vias luminosas e explosões.

δ

ε

Findar qualquer corte
– Aos metros autoritário –
Velado ou Frisado.

ε

ζ
Dilatar os tempos dos
Relógios um a um com a
Precisão das cálidas
Metáforas que ao rito da
Explosão alinham grãos
Transcósmicos no sensitivo enigma do
Fim que É epicentro
Ou
Fim que é Próprio Fim.
ζ

η
Seguir os ecos dos Profetas
A montanha erguida sobre
Pedras de hemistíquios ficando ante
Ofuscante Névoa os pés na neve
& legislar as Leis de Plantas sobre Pedras.
η



Orbitar as supernovas perseguindo o
It além das pontas & o It
Além dos métodos comuns de
Aplicação sintática aos alexandrinos
Ao deixar vestígios das audácias
Destrutivas sobre caudas de cometas.



↓
Atingir – ao grau de ebulição dos
Signos –

⌘
Elementos
Das atômicas partículas do
Verso

A fim de transformar
Em outros signos

⌘
Os mesmos Signos.

↓

K

Instituir a extinção do Clero
Estilhaçando as máscaras no
Carnaval da eleição do novo
Guardião dos saques
Omissor de todos os massacres
Perpetuador da perversão.

K

λ

Deter em seu caminho

Espesso & Perfilado

O vírus da aspirante estrela destrutiva

Disposta em tesas malhas de galáxias.

λ

μ

Saltar nas profundezas da energia escura
E densa do Universo com leveza esguia.
Cezir em liga etérea pelas águas várias
Os flancos destas asas que percorrem ímpares
O vácuo de infinitas dizimais constantes.
Possessos da saliva que restou do Verbo –
Que consta em mil quasares de Galáxias lidas –
A fim de que se escreva a Poesia Máxima
Em todos os possíveis Universos mortos –
Que juntos & alinhados o Falar do Aedo
Ecoam – a voraz constelação de trépidas
Estrelas alternadas – Teogonias célebres –
Que avivam novamente alternativas vastas
Do tempo que se foi no espaço opaco e gris.

μ

*para a Tia Diva,
que me apresentou à literatura
antes mesmo do Bar-Mitsvá*

∞

*para o Moré Luis S. Krausz,
que me reapresentou ao judaísmo*

Maximalismo, não Niilismo

Todas as formas, não forma alguma

Neútron, no grego Arcaico, não *Árcade*, quer dizer corda, corda para te amarrar, e também corda da lira, que te amarra mais ainda. *Harmonía*, do mesmo grego, é cravo, não o cravo da cruz, mas o de encontro de *Neúra*, nódoa. Barroca, espelho dos pensamentos: centro do quiasmo.

O termo Maximalismo vem da música, ele foi introduzido, em 1983, pelo compositor brasileiro Flo Menezes. Em suas próprias palavras: “o Maximalismo consiste na elaboração de múltiplas referencialidades”. Atenção, elaboração de múltiplas referencialidades não pode ser confundida com citações de obras alheias; isso pode até estar presente na ação maximalista, mas se trata, antes de tudo, de desenvolver elos entre as estruturas das obras, e não entre suas superfícies.

No Maximalismo, a construção das referencialidades se dá exclusivamente nas tramas do pensamento; o poeta domina a inspiração, e não o contrário. Calimaquiana, a poética maximalista é a da *poikilia*, a da mistura e da pluralidade de gêneros. Alexandrina, seu mito fundador brota da hierogamia de outros mitos.

Tal qual Odisseu, o industrioso, com *neûra* e *harmoníai* ata sua nau espacial, para singlar o infindo mar retumbante.

A Série Neûron – nascida na década de 10 do século XXI, em São Paulo – tem o propósito de reunir obras representativas da arte cerebral brasileira, aquela que prefere o nexo ao plexo. Na cena Contemporânea, esta sorte de arte é taxada de academicista, fria e, no último grau da estupidez, mecânica. O cérebro, porém, não é inimigo do humano, mas a única porta para escapar da mesmice hodierna, da embriaguez dos sentimentos e, segundo o filósofo Ricardo Rizek, da subjetividade vulgar. O pensamento é sempre concebido na matriz de uma forma: linguagem verbal, sinfonia, tela, tragédia, programação computacional e soneto... até a conversa do dia a dia tem suas formas. Ausência de forma é bestialidade. As linguagens são suporte do pensamento, fonte e desenvolvimento de todas as coisas. Pensar é sempre pensar em estruturas, aboli-las é abolir o pensamento: desvario, vã tentativa de transcender a intransponível condição (por enquanto) humana. Em cada uma de suas publicações, a Série Neûron busca dialogar com diferentes dimensões da mente. Caro leitor, fica aqui nosso convite para embarcar a *psykhé* nessa viagem...

Ouvi! é uma realização
da Série Neuron
produzida e organizada por
Antonio Vicente SERAPHIM PIETROFORTE
e RODRIGO BRAVO
Grupo Neuron de Literaturas Experimentais